

A MÍDIA IMPRESSA E O TRICAMPEONATO MUNDIAL DE FUTEBOL: RELAÇÕES ENTRE O UFANISMO E O OBSCURANTISMO¹

Karoline Soria Ribeiro²

Universidade de São Paulo

São Paulo, Brasil

karoline.ribeiro@usp.br

Marco Antonio Bettine de Almeida

marcobettine@gmail.com

Universidade de São Paulo

São Paulo, Brasil

Recebido em 1^o de setembro de 2013

Aprovado em 21 de fevereiro de 2014

Resumo

Este artigo tem como objetivos: (a) analisar a Copa de 1970 por meio do material impresso nos Jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo; (b) conhecer e interpretar o processo político e a influência da Copa de 1970; e (c) compreender as políticas públicas realizadas pelo Poder Constituído. Frente ao estudo realizado pode-se afirmar que houve um desenvolvimento material e imaterial do futebol no Brasil. O legado material consiste nas questões estruturais (construção de estádios) e, o legado imaterial consiste nas questões ideológicas para o desenvolvimento da modalidade.

Palavras-chave: futebol; ditadura militar; Brasil; mídia impressa.

Abstract

The printed media and the three-time World Cup champion: relations between nationalism and censorship

¹ Pesquisa Financiada pelo Núcleo Interdisciplinar de Estudos Sobre Futebol e Modalidades Lúdicas – Universidade de São Paulo e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Edital Esporte (CNPq).

² Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

This article aims to: (a) analyze the 1970 World Cup through the printed data in the newspapers Folha de São Paulo and O Estado de São Paulo, (b) understand and interpret the political process and the influence of the 1970 World Cup, and (c) understand the public policies held by the authoritarian government. Based on this study it can be stated that there was a material and immaterial development of soccer in Brazil. The material legacy consists of structures (construction of stadiums) and the immaterial legacy consists of the ideological issues in the development of this modality. **Keywords:** soccer; military dictatorship; Brazil; press; printed media.

Introdução

O regime militar promoveu o desenvolvimento urbano industrial na sociedade brasileira e o direcionamento político nas práticas de lazer, frente a uma modernização conservadora cercada de censuras, repressões e violação dos direitos humanos.

Foram anos de arbitrariedades que configuram a repleta falta de democracia vivida e que acarretaram reflexos em diversas áreas, da sociabilidade espontânea até a econômica. O principal instrumento do governo foram os atos institucionais³, decretos autoritários que atribuíam ao presidente da República poderes para, sem processo judicial, cassar mandatos eletivos, punir funcionários civis e militares, fechar o Congresso, intervir em Estados e municípios, decretar estado de sítio e suspender os direitos políticos de qualquer cidadão.

As práticas de lazer como encontros de bairros, as festas populares e as expressões artísticas em todos os níveis eram criteriosamente selecionadas pelo Sistema Nacional de Informação. Os grandes eventos esportivos também, como o Campeonato Brasileiro de Futebol, os Jogos Pan-Americanos e principalmente os Campeonatos Mundiais de futebol, por carregarem consigo a essência do ufanismo em que se estabelece a exaltação do patriotismo.

Há certo consenso na literatura (ALMEIDA e GUTIERREZ, 2011a, 2011b;

³ Foram decretados durante o período, no total, dezessete atos institucionais (GASPARI, 2002).

GASPARI, 2002) que os militares utilizaram-se dos eventos esportivos como propaganda ideológica e política. Em todas as capitais surgiram os centros de esporte, o que demonstrou um projeto do governo nesse setor, paralelamente ao evidente pragmatismo típico do pensamento militar. O governo instituído iniciou um amplo investimento na área esportiva, principalmente através de políticas que objetivavam o incentivo e a divulgação da participação brasileira em campeonatos mundiais de futebol e jogos olímpicos, além da construção de estádios, campos de várzea e parques públicos (ALMEIDA e GUTIERREZ, 2011a). Leis e Decretos Federais ressaltaram a consolidação de uma identidade nacional vinculada, especificamente, ao futebol, visto que sua administração foi pautada na intervenção do poder público.

O futebol e a política sempre seguiram percursos diretamente ligados, desde sua criação na Inglaterra (FRANCO JÚNIOR, 2007), sua valorização cultural e popularidade nacional em conjunto com sua fácil instrumentalização política foram fatores decisivos para seu uso político. O futebol no Brasil configura-se como um fenômeno social. Historicamente, é possível percebê-lo por duas perspectivas, tanto como meio de transmissão ideológica, quanto como um importante elemento da cultura brasileira (RINALDI, 2000), a expansão desta modalidade foi significativa em nosso território, justamente por ser um fenômeno incorporado em diversas faces da nossa sociedade.

A literatura pesquisada destaca a funcionalidade da modalidade no contexto ideológico e político desde sua chegada ao país, porém foi durante o período em análise que sua utilização se deu de maneira significativa, tornando-o instrumento da ditadura. “Era a pátria de chuteiras e de boina militar” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 144). O país incorporou ideologicamente e em demasia o futebol através da atuação política dos

militares que investiam na popularidade e crescimento da modalidade enquanto fenômeno da cultura nacional.

O Estado não mediu esforços para transformá-lo em um instrumento para diminuir as tensões e os conflitos sociais no país, o que foi nítido no desenvolvimento e articulação das copas do mundo, em particular, na Copa de 1970.

A vitória na Copa de 1970 viria recuperar triunfalmente o posto de “melhor futebol do mundo” e o retorno do orgulho nacional, à custa daquilo que os analistas e protagonistas da época entendiam como reformulação e modernização do futebol nacional. Uma dessas mudanças foi a introdução do pioneiro e minucioso projeto de preparação física, montado por especialistas da época na Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx), com bases científicas adquiridas por intermédio de intercâmbio com países estrangeiros e com a própria produção interna (SOARES, BARTHOLO e SALVADOR, 2007, p. 372).

O contexto de análise faz referência ao governo do presidente Emílio Garrastazu Médici (1969 – 1974), considerado o mais repressivo da história da ditadura militar brasileira. Foi um momento de supremacia aparentemente inquestionável do futebol brasileiro, em que as campanhas ufanistas se propagaram através da marchinha “Pra frente Brasil” tocada nos desfiles militares, nas escolas, nos rádios e na TV e através dos slogans “Ninguém mais segura este país”, “Brasil: ame-o ou deixe-o”, “Ontem, hoje, sempre Brasil” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 143).

Era importante a conquista do título para a legitimação do regime em curso, conquistada através da omissão da realidade drástica do período. Assim, frente a estereótipos e aos ideais que qualquer regime de exceção almeja, houve simultaneamente relações diretas entre o ufanismo e o obscurantismo durante o campeonato mundial de futebol de 1970.

A pesquisa desenvolvida é de caráter analítico e histórico. Segundo Thomas, Nelson e Silverman (2007), a pesquisa analítica consiste em um estudo detalhado e

avaliação da informação disponível na tentativa de explicar fenômenos complexos. As técnicas de análise foram uma ampla pesquisa bibliográfica para interpretar o fenômeno e entender os aspectos políticos, a historicidade do futebol e as políticas públicas no Brasil durante o período ditatorial. A pesquisa documental analisou os jornais O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo, considerados de grande influência nacional.

A escolha do jornal O Estado de São Paulo foi feita em virtude de ser um jornal existente no Brasil desde 1875⁴ e que teve uma relação direta com o período de análise, visto que apoiou o golpe militar até a imposição do ato institucional número 2, o qual dissolveu os partidos políticos.

A escolha do jornal Folha de São Paulo foi feita por contraponto, frente ao fato de ser um jornal recentemente criado⁵ no período de análise e ter tido uma evolução significativa na história brasileira durante a ditadura militar até conquistar a liderança na imprensa nacional que aconteceu na década de 80.

Mesmo com o propósito de evidenciar um jornalismo crítico, pluralista e apartidário, os jornais em questão, estavam sujeitos a censura militar. Portanto, não coube a esta pesquisa analisar a posição frente ao cenário político e sim, utilizá-los no auxílio para compreender as relações de ufanismo e obscurantismo do governo durante a Copa de 1970. Podemos afirmar, no entanto, que não houve percepção clara nas matérias pesquisadas de contraponto entre os jornais. A forma e a quantidade de notícias veiculadas seguiram a mesma linha editorial, isto é, pouca divulgação no

⁴ Foi fundado em 4 de janeiro de 1875 com o nome inicial de A Província de São Paulo, sendo pioneiro em venda avulsa no país. Em 31 de dezembro de 1889, após a instituição da República, foi intitulado de O Estado de São Paulo.

⁵ A história da Folha começou em 1921 com a criação do jornal “Folha da Noite”. Em julho de 1925, é criado o jornal “Folha da Manhã”, edição matutina da “Folha da Noite”. A “Folha da Tarde” é fundada após 24 anos. Em 1 de janeiro de 1960, os três títulos da empresa se fundem e surge o jornal Folha de São Paulo.

período classificatório para a Copa do Mundo, e ampliação das matérias sobre a seleção brasileira, a cada vitória no México.

A Copa do Mundo da FIFA (Federation Internationale Football Association) é a maior competição internacional de esporte único e acontece a cada quatro anos desde sua edição inaugural em 1930, à exceção de 1942 e 1946, quando não ocorreu em função da Segunda Guerra Mundial.

Como primeiro plano de pesquisa foi escolhido para análise todos os dias que houve jogo do Brasil pelas eliminatórias para a Copa do mundo de 1970. As eliminatórias são realizadas dentro das seis zonas continentais da FIFA (África, Ásia, América Do Norte, Central e Caribe, América do Sul, Oceania e Europa), e são organizadas por suas respectivas confederações. A Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) organizou o Grupo 2, o qual estavam competindo: Brasil, Paraguai, Colômbia e Venezuela. O Brasil foi o primeiro colocado do grupo e se classificou para o mundial. Analisou-se o dia anterior, o dia e o dia posterior destas partidas em que o Brasil jogou pelas eliminatórias.

Portanto foram analisados os dias 5, 6 e 7 de agosto de 1969 (6 de agosto de 1969 em Bogotá: Brasil 2 X 0 Colômbia); 9, 10 e 11 de agosto de 1969 (10 de agosto de 1969 em Caracas: Brasil 5 X 0 Venezuela); 16, 17 e 18 de agosto de 1969 (17 de agosto de 1969 em Assunção: Brasil 3 X 0 Paraguai); 20, 21 e 22 de agosto de 1969 (21 de agosto de 1969 no Rio de Janeiro: Brasil 6 X 2 Colômbia); 23, 24 e 25 de agosto de 1969 (24 de agosto de 1969 no Rio de Janeiro: Brasil 6 X 0 Venezuela); 30 e 31 de agosto e dia 1 de setembro de 1969 (31 de agosto de 1969 no Rio de Janeiro: Brasil 1 X 0 Paraguai).

Analisou-se também todos os dias do Mundial de 1970 até a vitória da seleção

(nona edição realizada no México do dia 31 de maio ao dia 21 de junho de 1970), em conjunto com o dia posterior à final (22 de junho de 1970), o dia de volta ao Brasil (23 de junho de 1970) e o dia após a volta ao país e chegada em São Paulo (24 de junho de 1970).

Foram totalizados 43 dias de análise, que permitiram a interpretação do material relacionando aos acontecimentos políticos, sociais e econômicos.

Notas do Ufanismo⁶

Segundo Sigoli e Rose (2004), o futebol possui características facilitadoras para sua instrumentalização política, o que pode ter auxiliado os militares nas estratégias de investimento na modalidade. Entre elas estão: (a) popularidade nacional e a valorização cultural, (b) o custo benéfico com relação as exigências materiais, (c) as regras de fácil compreensão, (d) a comunicação de massa, (e) a afirmação de identidades e a identificação com o coletivo, (f) a apropriação dos jogadores como representantes do sistema e demais características intrínsecas ao futebol, como a ruptura da sólida hierarquização social.

Desde sua introdução no país, o futebol transita por um processo de incorporação social, política, cultural e econômica. A questão cultural reflete na política de naturalização do futebol como “paixão nacional”.

A criação de subterfúgios para o enfrentamento das contestações foi a base instável que sustentou o regime. Através do decreto número 62.119 de 15 de janeiro de

⁶ Os ufanistas é pensado no governo ou grupo que extrapolaram ao vangloriar desmedidamente as riquezas brasileiras. O governo militar brasileiro iniciou um período de campanhas ufanistas para conquistar simpatia da população. Assim, surgiram os slogans "Ninguém segura este país" e "Brasil, ame-o ou deixe-o", e as músicas com refrão "Eu te amo, meu Brasil, eu te amo; ninguém segura a juventude do Brasil", "Este é um país que vai pra frente (...)". O hino da Copa de 1970 era cantado pelo país: "noventa milhões em ação, pra frente, Brasil do meu coração (...) Salve a seleção". A euforia gerada na população pela vitória na primeira transmissão ao vivo de uma Copa levava-a às ruas para cantar versinhos patrióticos, misturando governo e futebol em um carnaval fora de época.

1968 foi criada a AERP (Assessoria Especial de Relações Públicas), cujo objetivo era desanuviar o ambiente de radicalização. Para assessorar o presidente no âmbito da comunicação social utilizava o futebol como tema de campanha, fato em evidência principalmente durante o governo de Médici, período em que o general Octávio Costa foi o responsável pela propaganda oficial.

Promovia-se uma importante estratégia de propaganda da AERP, no sentido de transformar o presidente em torcedor número 1 da nação, articulando os êxitos futebolísticos a imagem do Brasil-Potência que o governo se esforçava em difundir. A medida que a Copa se aproximava, as possibilidades de interação futebol-poder se ampliavam (AGOSTINO, 2002, p. 158).

Desde o início da Copa de 1970, se intensifica de maneira significativa as propagandas do futebol, fundamental para o momento de maior repressão. A televisão, fonte expressiva da indústria cultural em ascensão, frente ao fim do florescimento cultural e do movimento popular em virtude do aumento da repressão no início de 1969, foi um potente meio de controle das massas e que resultou em um meio de propaganda do governo, já que cerca de 600 milhões de telespectadores assistiram à competição (RAMOS, 1984). O total de aparelhos de TV no Brasil cresceu de forma exponencial, em 1960 9,5% das residências urbanas dispunham de TV, em 1970, o percentual foi para 40% (GUTERMAN, 2006).

O modelo político que vai dar sustentação ao regime militar apoia-se numa aliança entre, de um lado, a censura e repressão política e do outro o desenvolvimento e controle da indústria cultural. Houve um casamento oportuno entre a necessidade de investimento estatal para a ampliação da indústria televisiva e a imprescindível propaganda de governo (ALMEIDA e GUTIERREZ, 2011a, p. 40).

A articulação sobre as transmissões dos jogos recaíram também nas estratégias ufanistas, como cita o Estado de São Paulo, 1970:

A transmissão da Copa do Mundo pela televisão, via Intelsat, graças a

colaboração da Embratel, torna o mundo mais próximo e nos aproxima mais do mundo. Ricos e pobres poderão acompanhá-la, torcendo pelo selecionado nacional, mesmo em praça pública⁷.

O foco neste evento salienta estratégias de comoção popular, fato que auxiliou na camuflagem e omissão de ações repressivas e violentas e na credibilidade do milagre econômico. A preocupação era tanta que até a censura se posicionou no dia que se inicia a Copa:

O chefe do Serviço de Censura Federal delegou poderes as suas delegacias regionais, em São Paulo e na Guanabara, para ‘procederem ao exame prévio dos filmes produzidos exclusivamente sobre os jogos do Campeonato Mundial de Futebol no México’ alegando que ‘a centralização da censura em Brasília, nesses casos, retardaria a distribuição daqueles filmes em todo o país pelo menos durante 24 horas, fato que contrariaria o desejo do povo brasileiro’.⁸

Médici fazia questão de estabelecer uma ligação profunda com o futebol, mostrando ao povo brasileiro sua ativa participação rumo ao tricampeonato.

O chefe da delegação do Brasil à Copa do Mundo, Brigadeiro Jeronimo Bastos, leu ontem para os jogadores a mensagem que o presidente Médici enviou, incentivando-os à conquista definitiva da Taça Jules Rimet⁹.

Durante todo o mundial, o Brasil foi destaque e os militares aproveitaram para ampliar as campanhas nacionalistas, com o propósito de evidenciar um governo democrático, de ordem e progresso.

“O Brasil esmagou o Thecoslovaquia”, “O Brasil envolveu o adversário”, “Os brasileiros demoliram os thecos”, “O Brasil tem uma equipe em cada homem” – estas foram algumas das manchetes que apareceram nas primeiras páginas dos maiores jornais mexicanos anteontem. Ontem, os jornais continuaram dedicando grande espaço a atuação dos brasileiros em seu último jogo, paralelamente a

⁷ “Transmissão da Copa do Mundo”. Estado de S. Paulo, 2 jun. 1970, p. 3.

⁶ “Censura de filmes”. Folha de São Paulo, 31 mai. 1970, 1 caderno, p. 31.

⁹ “A Copa começa às 15 hs”. Folha de São Paulo, 31 mai. 1970, 1º caderno, p. 1.

prognósticos sobre o jogo de amanhã no Estádio de Jalisco, do Brasil contra a Inglaterra.¹⁰

E assim, durante todo o percurso do campeonato, o país enaltecido por seu governo progredia às vistas de uma significativa parcela da população brasileira.

Durante os dias que antecederam a final, só se falava de futebol, em todos os setores da sociedade e em todos os meios de comunicação. Assistir a final havia se tornado um compromisso do cidadão brasileiro e a vitória, uma necessidade de consolidação política. A expectativa da vitória já encomendava as comemorações populares: “Taça valerá 2 dias de carnaval no país”¹¹, “O Brasil é só festa, nos seus 22 Estados¹²”. Fato que se confirmou por lei: “O presidente Médici decretou ponto facultativo nas repartições federais de todo o país nos dias de hoje, segunda – feira e amanhã, terça-feira¹³.”

A grande expectativa do tricampeonato criada pela política em curso influenciou todo o Brasil:

No interior de São Paulo, a população se prepara para comemorar a vitória do Brasil. Ninguém pensa na possibilidade de derrota. Nos bares, esquinas e praças, o que se discute é como a conquista do tricampeonato será comemorada. A prefeitura de Belém instalou vários alto-falantes, nos principais pontos da cidade para o povo ouvir o jogo. As escolas de samba estão reunidas em suas sedes e, a noite, se o Brasil ganhar, desfilarão. O governador Dias Lopes do Espírito Santo, recomendou ao prefeito de Vitória que adote rápidas e eficientes providências no sentido de que o povo possa comemorar a vitória do Brasil na Copa do mundo.¹⁴

Médici abriu possibilidades de grandes concentrações populares e comemorações que não eram permitidas desde a instauração do regime. Em São Paulo:

¹⁰ “Copa prossegue hoje mas todos aguardam o Brasil de amanhã”. Folha de São Paulo, 6 jun. 1970, 1º. caderno, p. 1.

¹¹ “Carnaval”. Estado de S. Paulo, 19 jun. 1970, p. 22.

¹² “O Brasil é só festa, nos seus 22 Estados”. Estado de S. Paulo, 21 jun. 1970, p. 42.

¹³ “Hoje e amanhã feriado nas repartições federais”. Folha de S. Paulo, 22 jun. 1970, 1º. Caderno, p. 1.

¹⁴ “O Brasil inteiro será uma única festa, se ganhar hoje”. Folha de S. Paulo, 21 jun. 1970, 2º. Caderno, p. 10.

“Há mais de seis anos não se via uma concentração popular tão grande como a de ontem no Anhangabaú¹⁵”. No Rio de Janeiro: “Uma loucura. Sem lei e sem documento, o carioca vibrou como sempre quis, sem qualquer repressão legal¹⁶”

A medida que o sucesso da seleção brasileira se concretizou, os políticos militares procuraram capitalizar tais resultados. Imediatamente após a conquista do tricampeonato, o então presidente nacional da Aliança Renovadora Nacional, Rondon Pacheco, recomendou a todos os candidatos do seu partido que no próximo pleito destacassem durante a campanha, a recente vitória do Brasil (GUTERMAN, 2006).

O regime continuou investindo fortemente na modalidade: a ditadura organizou em 1972 a taça da independência para comemorar o sesquicentenário da emancipação política (FRANCO JUNIOR, 2007), patrocinou uma minicopa mundial de futebol (GASPARI, 2003), criou através da Confederação Nacional do Desporto o campeonato brasileiro a partir de 1971 com vinte clubes e organizou cinco amistosos em 1971, dez em 1973 e nove em 1974 somente com jogos contra selecionados nacionais (FRANCO JUNIOR, 2007). Foram construídos trinta estádios entre 1972 e 1975, fatos que auxiliaram na popularidade do governo, serviram para promoção a cargos políticos e expressava o ideal de desenvolvimento e progresso do discurso político entre os militares, exaltado com o tricampeonato.

Simultaneamente a todo contexto, multiplicaram-se por todo Brasil os centros de tortura do regime, ligados ao DOI-CODI (Destacamento de Operações e Informações e Centro de Operações de Defesa Interna), o que remete a um obscurantismo conquistado por meio do ufanismo, já que a disciplina do perfil militar, exaltada como importante para recolocar o país nos trilhos, foi considerada a base do tricampeonato,

¹⁵ “Festa no Anhangabaú”. Folha de S. Paulo, 25 jun. 1970, p. 19.

¹⁶ “São Paulo em Festa”. Folha de S. Paulo, 25 jun. 1970, p. 5.

fato exaltado pelo preparador físico da seleção brasileira, Admildo Chirol: “Não foi só o preparo físico e técnico, mas o comportamento disciplinar perfeito – horários e programas a cumprir com a máxima seriedade – que pesou muito para o desempenho dos jogadores¹⁷”.

Notas do Obscurantismo¹⁸

Ao analisar o dia anterior, o dia e o dia posterior dos jogos do Brasil pelas eliminatórias em 1969 no jornal Folha de São Paulo, nota-se que nos dias anteriores às partidas não há notícias referentes aos jogos na primeira página, e sim na página de esportes, mas entre diversas notícias de outras modalidades e dos times locais de futebol.

Em todos os dias das partidas e em todos os dias posteriores às partidas, há notícias do selecionado nacional, porém sem muita extensão, na primeira página assim como nas páginas de esportes também. Analisando todos os dias das eliminatórias de maneira conjunta, nota-se muitas notícias de acontecimentos políticos e econômicos, bem como diversos problemas nacionais de distintas naturezas relatados pelo jornal.

No O Estado de São Paulo, quanto as eliminatórias, nota-se que nenhum dos dias analisados faz menção aos jogos da seleção na primeira página, sem muita extensão e em conjunto com informações dos times nacionais e de outras modalidades. Muitas informações políticas internacionais (contexto do auge da Guerra Fria: disputas estratégicas e conflitos indiretos de ordem política, militar, tecnológica, econômica,

¹⁷ “Entrevista Admildo Chirol”. Estado de S. Paulo, 24 jun. 1970, p. 16.

¹⁸ Obscurantismo foi a prática deliberada de impedir que fatos ou detalhes de assuntos se tornarem públicos, isso ocorreu com o ataque do governo à propagação de conhecimento, uma política de retenção de conhecimento do público, por meio das agencias governamentais da censura prévia.

social e ideológica entre os Estados Unidos e a União Soviética) em conjunto com matérias a cerca da economia, política e cultura brasileira.

Portanto, ambos os jornais acabam por refletir o mesmo panorama com algumas diferenças e preferências editoriais. Resume-se, no entanto, que notícias a cerca da seleção brasileira não obtiveram espaços significativos na mídia impressa no período das eliminatórias para a Copa de 70. O período de análise remete ao governo de Costa e Silva (1967–1969), momento onde as manifestações contrárias ao regime se intensificaram e em resposta foi instituído o AI-5, que vigorou até o dia 31 de dezembro de 1978. Foi o ato institucional mais severo por ter sido um instrumento que retorquia todas as mortes e torturas de acusados ou suspeitos de subversão (institucionalização da violência). Tal governo enfrentou uma série de protestos de estudantes, políticos da oposição, trabalhadores e inclusive dos setores da igreja que se posicionaram contra a doutrina de segurança nacional, denunciando-a como fascista.

Devido ao contexto político conturbado do período, o futebol nacional não teve grandes investimentos políticos e conseqüentemente, midiáticos. O aumento das manifestações contrárias ao regime, assim como da repressão não deixou espaço para estratégias sutis de manipulação social por meio do futebol.

Já ao analisar todos os dias do mundial em conjunto com os três dias posteriores à conquista do tricampeonato, a exaltação do futebol é claramente exposta, com muitas ilustrações. Em todos os dias analisados há notícias do selecionado brasileiro na primeira página do jornal Folha de São Paulo, bem como nas páginas de esportes, onde são poucas as menções sobre outras modalidades esportivas e até mesmo, sobre os times locais de futebol. A atenção é, sobretudo, centrada nos detalhes da preparação, escalação e partidas da seleção brasileira.

No jornal O Estado de S. Paulo, em todos os dias há notícias sobre o selecionado brasileiro e elas vão aumentando em extensão conforme a final vai se aproximando e chega-se a vitória (ilustrações também ganham páginas nos últimos dias do campeonato). Notícias sobre demais modalidades e sobre os times nacionais continuam sem muita extensão. Com exceção dos dias 2, 3 e 25 de junho de 1970, há matérias bem breves sobre a seleção na primeira página no jornal, que aborda muito, num contexto geral, questões internacionais e problemas políticos e sociais no Brasil. O que se notou também foi o uso da seleção brasileira para propagandas empresariais (Philips, Light, Shell), o que evidencia a supremacia do futebol na sociedade vigente no período e o negócio econômico que o futebol havia se tornado.

De certa maneira, tais resultados corroboram com estudo realizado anteriormente, onde ao analisar os períodos de todas as Copas do Mundo, conclui-se que na Copa de 70 há uma discrepância visível na quantidade de informações frente a outras Copas, tanto no maior número de notícias quanto no maior desenvolvimento. Fato que demonstra significativa supremacia dos militares, de Médici em específico, frente às estratégias de envolvimento nacional.

A profunda relação de Médici com o futebol manteve seus fins políticos por todo o período. Em todos os dias analisados no Jornal Folha de São Paulo, durante o mundial, ao lado de notícias da seleção brasileira na primeira página, havia sempre notícias a cerca de inúmeros feitos do presidente pelo país, principalmente com relação a seca no Nordeste.

Médici fez referência à sua presença no dia anterior em Campinas, na inauguração de um conjunto habitacional do BNH. Ele disse que vira o sorriso no rosto dos chefes de família que haviam obtido sua casa

própria, e que o mesmo sorriso venha a ser visto também, em dias não muito distantes, no rosto dos homens nordestinos¹⁹.

Não só Médici, como as instâncias do poder perceberam o poder do futebol naquele momento, e utilizaram de seu promissor desenvolvimento em prol de suas conquistas desde o início da Copa: “Cercado de estudantes e populares, o governador Abreu Sodré lançou ontem, em Bauru, a campanha que o governo do Estado fará, com empenho pessoal do governador, em favor dos candidatos da Arena para as eleições de 15 de novembro²⁰”. O empenho para o desenvolvimento do patriotismo foi evidente em algumas matérias no jornal O Estado de S. Paulo: “Médici exalta geografia e história²¹”.

No jornal Folha de São Paulo, com relação às notícias a cerca dos assuntos sociais, políticos e econômicos, em sua maioria, eram positivas e carregadas de progresso: “Valorização de 160,5% em fundo de investimento²²”; “Abertura de capital é a solução para o progresso²³”; “Elevam-se os negócios na bolsa²⁴”; “Aumenta a oferta de emprego no grande São Paulo²⁵”. Tais notícias intituladas refletem o “milagre econômico” do período, que num futuro próximo acarretando consequências negativas para o país.

O caráter patriótico da Copa do Mundo fez Médici incorporar o desenvolvimento do futebol ao desenvolvimento proposto pelo regime, em evidência com o milagre econômico, confirmado visivelmente quando Médici anuncia no período a abertura da rodovia Transamazônica, unindo o Maranhão ao Acre. Outros feitos

¹⁹ “Médici diz que o NE crescerá”. Folha de São Paulo, 21 jun. 1970, 1º. caderno, p. 1.

²⁰ “Arena para as eleições de 15 de nov.” Folha de São Paulo, 31 maio 1970. 1º. caderno, p. 1.

²¹ “Médici exalta geografia e história”. Estado de S. Paulo, 4 jun. 1970, p. 10.

²² “Valorização de 160,5% em fundo de investimento”. Folha de São Paulo, 2 jun. 1970, 1º. caderno, p. 13.

²³ “Abertura de capital é a solução para o progresso”. Folha de São Paulo, 3 jun. 1970, 1º. caderno, p. 6.

²⁴ “Elevam-se os negócios na bolsa”. Folha de São Paulo, 4 jun. 1970, 1º. caderno, p. 18.

²⁵ “Aumenta a oferta de emprego no grande São Paulo”. Folha de São Paulo, 9 jun. 1970, 1º. caderno, p. 1.

durante o Governo Médici também sustentaram o milagre econômico como a implantação da indústria petroquímica e o I Plano Nacional de Desenvolvimento (I PND) e o ideal patriótico, como o estabelecimento do Plano de Metas e Bases de Ação do Governo que incluiu a criação do Programa de Integração Nacional (PIN) e do Programa de Integração Social (PIS).

No jornal O Estado de S. Paulo, matérias fizeram referências a problemas nacionais, como a educação: “Pesquisa prova: ensino é péssimo²⁶”. Consequência do Regime Militar que espelhou na educação o caráter anti-democrático de sua proposta ideológica de governo: professores foram presos e demitidos, universidades foram invadidas, estudantes foram presos e feridos nos confrontos com a polícia e alguns foram mortos. A União Nacional dos Estudantes (UNE) foi proibida de funcionar. O Decreto-Lei 477 defendia tais atitudes.

Em resposta a precariedade do ensino, começa a funcionar no Brasil em 1970 o Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL, criado para acabar com o analfabetismo. Seu projeto mostra uma forte releitura funcionalista das ideias de Paulo Freire, perseguido pela ditadura militar e exilado.

No mês do campeonato (junho) havia no país 500 presos políticos, sendo 56% estudantes cuja idade média era de 23 anos (GASPARI, 2003). As matérias no jornal O Estado de S. Paulo mostravam outro contexto: “Padilha: não há presos políticos²⁷”. O Papa Paulo VI condenou a tortura brasileira (GAPARI, 2003), enquanto que o ministro da Justiça Alfredo Buzaid declara em 1970 a imprensa que não há tortura no Brasil.

Em ditaduras violentas e repressivas, o aparato ideológico do lazer se fez necessário para sua manutenção e o futebol foi um meio de liberação dos sentimentos

²⁶ “Pesquisa prova: ensino é péssimo”. Estado de S. Paulo, 31 mai. 1970, p. 30.

²⁷ “Padilha: não há presos políticos”. Estado de S. Paulo, 2 jun. 1970, p. 6.

reprimidos e acumulados advindos da situação política, fundamentalmente ancorado pelo investimento do governo, visto que a Copa de 70 se torna efetivamente parte integrante do regime político. Notam-se os ideais políticos e futebolísticos diretamente relacionados às manifestações autênticas dos valores nacionalistas intensificados. Coube ao Estado não anular os sentimentos advindos da repressão e controle social, mas sim estimulá-los num campo de conflito controlável, que encontrou no futebol, esporte hegemônico, o espaço ideal ao fazer da Copa de 70 uma potente válvula de escape.

Considerações Finais

A ditadura militar no Brasil em 1970 conseguiu favorecer seu domínio político, em conjunto com o domínio social, econômico e cultural, mesmo com a sede do campeonato sendo no México.

O desenvolvimento da Copa de 1970 foi um projeto específico do Estado, onde os objetivos consistiram em ocupar o tempo livre dos indivíduos, transmitir uma pseudoneutralidade para a sociedade, associar seu sucesso com o ideal de progresso proposto pelo regime em evidência com o milagre econômico e usá-lo como propaganda ideológica para o desenvolvimento político do regime.

A mídia impressa analisada registrou momentos de crise e problemas nacionais, porém em menor extensão e quantidade de informações, do que a copa do mundo. E, registrou também momentos de exaltação do patriotismo e do presidente Médici através da Copa de 70, em maior extensão e quantidade de informações por fazer parte de um projeto de investimento político dos militares. Não foi o momento de analisar a posição ideológica dos jornais analisados. No entanto, uma vez com o material coletado, poderá ser objeto de uma próxima pesquisa.

Tal política, unilateral e dependente da economia, se baseava substancialmente nos aparatos repressivos para sucumbir as necessidades de controle e consequente ordem social. A pesquisa evidencia uma relação direta e complementar entre o ufanismo e o obscurantismo da política de repressão, na medida em que o ufanismo foi o meio sólido para se conquistar a supressão da realidade. O patriotismo, exaltado no período de análise através do futebol, foi a chave central para se conquistar os ideais repressivos dos militares de maneira sutil, fragmentada e obscura.

Frente aos impasses e abusos do governo cívico-militar, conquistado por meio da distorção ufanista da realidade, nota-se uma reciprocidade entre futebol e política, onde o futebol da Copa de 70 foi um meio potente para a sustentação e fortalecimento do regime já que foi habilmente capitalizado pelos militares, assim como o regime desenvolveu o futebol brasileiro tanto nacionalmente quanto internacionalmente, deixando um legado material, que consiste nas questões estruturais (construção de estádios) e imateriais, que consiste nas questões ideológicas de desenvolvimento da modalidade.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; GUTIERREZ, Gustavo Luiz. *Lazer no Brasil: de Getúlio Vargas à Globalização*. São Paulo: Phorte, 2011a.

_____. Análise do desenvolvimento das práticas urbanas de lazer relacionadas a produção cultural no período nacional-desenvolvimentista à globalização. *Rev. bras. Educ. Fís. Esporte*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 137-52, jan.-mar. 2011b.

BRASIL. Decreto-Lei nº 62.119, de 15 de Janeiro de 1968. Altera os Decretos ns. 56.788, de 25 de agosto de 1965 e 56.596, de 21 de julho de 1965, que dispõem, respectivamente, sobre os Regimentos dos Gabinetes Militar e Civil da Presidência da República. Brasília: *Senado*, 1968. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-62119-15-janeiro-1968-403459-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 23 de julho de 2013.

BRASIL. Presidência da República. Decreto-Lei n. 477, de 26 de fevereiro de 1969. *Pedagogia em Foco*, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb07a.htm>>. Acesso em: 23 de julho de 2013.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GASPARI, Hélio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *A ditadura derrotada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GUTERMAN, Marcos. Médicos e o futebol: A utilização do esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do regime militar. *Proj. História, São Paulo*, v. 29, n. 1, p. 267-279, dez. 2006.

RAMOS, Roberto. *Futebol: Ideologia do Poder*. Petrópolis: Vozes, 1984.

RINALDI, Wilson. Futebol: Manifestação cultural e ideologização. *Revista da Educação Física/UEM*. Maringá, v. 11, n. 1, p. 167-172, 2000.

SIGOLI, Alberto., DE ROSE JR., Dante. A história do uso político do esporte. *R. bras. Ci e Mov.* v.12, n.2, p. 111-119, 2004.

SOARES, Antonio Jorge G.; BARTHOLO, Tiago L. e SALVADOR, Marco S.. A imprensa e a memória do futebol brasileiro. *Rev. Port. Cien. Desp.* v. 7, n. 3, p. 368-376, 2007.

THOMAS, J.R.; NELSON, J.K.; SILVERMAN, S.J. *Métodos de pesquisa em atividade física*. Porto Alegre: ArtMed, 2007.